



Universidade de Brasília

Departamento de Desenho Industrial

Luiz Jales Bartholo de Oliveira

14/0054651

AUTOFÁGICO COLETIVO

imagem e violência no massacre do compaj

Brasília, 2018.



Universidade de Brasília

Departamento de Desenho Industrial

Luiz Jales Bartholo de Oliveira

14/0054651

AUTOFÁGICO COLETIVO

imagem e violência no massacre do compaj

Relatório apresentado como parte integrante da diplomação em Programação Visual do curso de Design da Universidade de Brasília, orientada pelo professor André Maya.

Brasília, 2018.

resumo

AUTOFÁGICO COLETIVO é uma reflexão sobre a relação entre a prática da violência física e o consumo dos registros relacionados em vias digitais. Os desdobramentos do projeto questionam aspectos da linguagem e a significação do bandido no campo da realidade brasileira, através da exploração de fragmentos coletados sobre o massacre no Complexo Penitenciário Anísio Jobim – Compaj, ocorrido em janeiro de 2017. O autofágico coletivo é uma publicação impressa composta por um processo de bricolagem, entre fragmentos diretos e indiretos relacionados ao massacre, que visa o resgate da narrativa em contraponto à informação.

Palavras-chave: design, violência, serigrafia, leitura, bricolagem

AUTOFÁGICO COLETIVO is a thought on the relation between the practice of physical violence and the consumption of related records on the digital media. The unfolding of the project questions aspects of the language and the meaning of the *bandido* character in the Brazilian reality, through the exploration of fragments collected related to the massacre in Compaj – a penitentiary, occurred in January 2017. The autofágico coletivo is a printed publication composed by a process of bricolage, using direct and indirect fragments related to the massacre, which aims to rescue the narrative in counterpoint to the information.

Key words: design, violence, silkscreen, reading, bricolage

Só o cheiro de morte e Pinho Sol

—	introdução
07	I. QUESTIONAMENTOS INICIAIS
08	II. JUSTIFICATIVA
09	III. OBJETIVOS
09	IV. ETAPAS METODOLÓGICAS
—	decomposição
10	I. A PRISÃO
11	II. OS MASSACRES
13	III. O MEDO
14	IV. FACÇÕES
16	V. VIOLÊNCIA E LINGUAGEM
17	VI. MASSACRE NO COMPAJ
18	VII. A MORTE DO NARRADOR
19	VIII. OUROBOROS
21	proposta
—	referências
22	POSTAIS PARA CHARLES LYNCH
23	O MEZ DA GRIPPE
24	NICOLAS PALKINE
25	corpo
26	PARTE I. TÓRAX
27	PARTE II. MEMBROS
28	PARTE III. CABEÇA
30	definições de objeto
34	definições gráficas
39	protótipo
42	produção
44	conclusão

- fig 1. Postagem Compensao
- fig 2. Livro Postais para Charles Lynch
- fig 3. Página composta pela interferência do código
- fig 4. Página da inserção dos áudios
- fig 5. O Mez da Grippe edição original
- fig 6. Spread O Mez da Grippe
- fig 7. Nicolas Palkine, ed.2018
- fig 8. Spread Nicolas Palkine
- fig 9. Localização Compaj
- fig 10. Rio Estige
- fig 11. Quote
- fig 12. Serigrafia
- fig 13. Modelo de divisão por folha 660×960mm
- fig 14. Modelo de divisão por folha A3
- fig 15. Pólen Soft
- fig 16. Color Plus Los Angeles
- fig 17. Marrakech Giz
- fig 18. Esquema de páginas final
- fig 19. Esquema de encaixe dos fotolitos
- fig 20. Guias do spread maior
- fig 21. Guias do spread menor
- fig 22. Sistema de costura
- fig 23. Retícula 35dpi
- fig 24. Retícula impressa
- fig 25. capa
- fig 26. abertura de capítulo
- fig 27. spread texto imagem
- fig 28. spread página menor
- fig 29. spread manchete
- fig 30. spread texto
- fig 31. Diferença de lineatura
- fig 32. Lavagem
- fig 33. Registro da espinha
- fig 34. Costura dos fólhos

I. QUESTIONAMENTOS INICIAIS

Neste projeto propõe-se uma reflexão sobre o consumo da violência física em meios digitais. As manifestações de violência sádicas e traumáticas, como os fenômenos do linchamento ou assassinatos “de graça”, partem de perpetuações performáticas e estetizadas. Qual é o papel da imagem nessa perpetuação? Quem são os agentes em cena?

Em um meio primário de organização social, a punição é concebida como meio de erradicar atos contra a legalidade. Todavia, há uma presente glorificação do combate através da virtualização midiática, contra o inimigo presente no hiper-real. Como os fragmentos, informações são usados na construção da narrativa?

A relação espectador e mensagem é constituída sob registros fragmentados, produtos e ao mesmo produtores da própria barbárie. Essa produção material e reprodução simbólica constitui, através de artifícios, uma relação de troca entre espectador, mensagem e a violência como ato social – elevando o espectador a agente de uma prática coletiva.

A violência como fascínio, produzida pela estética do desaparecimento e a investigação arqueológica de vestígios, gera através de códigos fragmentados uma superfície preenchida pelo propósito da punição do outro, do inimigo.

Dada a construção do inimigo, como a punição é concebida através do Estado de direito legal? A partir da manutenção do sistema prisional como resolução de um problema, quais problemas são produzidos?

O projeto propõe, a partir desses questionamentos, uma leitura do caso do massacre no Compaj materializada em um livro.

II. JUSTIFICATIVA

A violência é presente como algo inerente ao ser humano, sendo ela praticada e recriada em diversos aspectos. O conceito moderno de violência é definido como o ato intencional de força excessiva ou destrutiva, e, sendo mais abrangente, as violações de direitos humanos em geral. Entre as variadas tipologias, física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, abordamos aqui a violência física como ponto de partida.

No decorrer da história, a violência já foi relacionada às características do selvagem. Teorias como o delinquente lombrosiano e a própria história bíblica tentam traçar uma dualidade entre o bem e o mal, o cidadão e o bandido, remetendo-o como um tipo de doença ou besta dentro da sociedade. Essa figura do bandido é desenhada no espectro social e usada para taxar e desqualificar um cidadão, legitimando práticas repressivas sobre uma parcela da população.

A violação do sujeito, como bandido, se torna um objeto de consumo, alimentando o ciclo de discurso midiático ideológico, que produz o estado de guerra contra o inimigo simbólico. Nessa construção de fronteiras e polos, a violência é constituída dentro da instituição como uma máquina de combate à bestialidade.

A separação geográfica e a exclusão do bandido são presentes no sistema penitenciário brasileiro. No início de 2017, o Brasil vivenciou um período de guerra entre facções que resultou na morte sumária de vários presidiários – 131 contados ao todo, mais vítimas que o Carandiru – com o início no dia 1 de janeiro, em Manaus, no Complexo Penitenciário Anísio Jobim, o Compaj.

Os estudos aqui presentes, retratam a problemática da manutenção do significado atribuído ao bandido através do consumo digital, a partir da discussão do caso do massacre do Compaj, tomado pelo compartilhamento das imagens gravadas pelos próprios atuantes.

III. OBJETIVOS

Apresentar releitura desses conteúdos de violência a partir de uma narrativa gráfica e textual, utilizando o livro como meio.

- Analisar o embate e a dualidade difundida em construções humanas.
- Explorar as consequências do viés midiático no imaginário coletivo
- Identificar e questionar construções sobre os personagens presentes
- Questionar o sentido dado pelos meios digitais aos atos de violência, analisando as formas como são elaboradas e consumidas.

IV. ETAPAS METODOLÓGICAS

01. Análise de casos

O primeiro momento é o levantamento de registros relativos à violência física nos meios digitais, a figura do bandido é o pilar principal dessa busca por algum caso específico.

02. Coleta de fragmentos

A segunda etapa é a coleta de dados relativos ao caso selecionado, entre imagens, textos, vídeos e outros signos disponíveis nas vias digitais.

03. Definição técnica

A terceira etapa tem como foco definições sobre o projeto gráfico e produção do livro. Essa fase tem como produto uma definição da forma inicial do objeto, que leva em conta algumas definições básicas para a produção do livro.

04. Narrativa

A parte da narrativa consiste na curadoria e construção do conteúdo a partir da leitura dos fragmentos, no sentido de produção a partir deles. Essa parte abre um ciclo de volta para a segunda etapa, que reexamina novos fragmentos e modifica as definições técnicas de acordo com o sentido de releitura.

05. Produção e finalização

Após finalizada a parte de projeto do livro, a parte de produção segue conforme as definições técnicas finais.

I. A PRISÃO

Os sistemas punitivos podem ser analisados de acordo com a estrutura econômica das sociedades, num retrato histórico, o capital de vida humana é variável, e isso reflete diretamente nas práticas desses sistemas. Numa indagação sobre o que a prisão visa operar, a partir do sistema produtivo dentro da estrutura, Rusche e Kirchheimer¹ analisam três momentos históricos; no feudalismo o humano era abundante em relação às forças produtivas, por isso existia esse desprezo sádico pela vida, os julgamentos aniquilavam todo senso humanitário sobre o corpo. Depois, no período do mercantilismo, o contexto necessitava do capital humano para os meios de produção, com isso foram adotadas políticas punitivas que usavam esses corpos como força de produção – o pagamento da pena através do trabalho forçado, a relativa tentativa de manter os criminosos no sistema de produção capitalista através da disciplina. Por fim o processo de industrialização, que fez surgir os sistemas prisionais atuais; nesse contexto há uma volta da desvalorização do capital humano, no qual emerge a prisão como locus que exerce o papel de separação do homem criminoso, em detrimento da volta à punição corporal – dada a incompatibilidade com o avanço social humano pós-iluminismo.

A prisão estabelece a mudança do infrator para o delinquente, que traz uma nova noção biográfica para o indivíduo criminoso, agora representante de um tipo de anomalia, uma nova forma de existência.

Onde desapareceu o corpo marcado, recortado, queimado, aniquilado do suplicado, apareceu o corpo do prisioneiro, acompanhado pela individualidade do "delinquente", pela pequena alma do criminoso, que o próprio aparelho de castigo fabricou como ponto de aplicação do poder de punir e como objeto do que ainda hoje se chama a ciência penitenciária.²

Nesse papel da prisão como produtora de um novo personagem social, o delinquente ou bandido, se estabelece uma série de problemas e estigmas que são incorporados pelo retrato dessa figura. O estado de guerra

1. RUSCHE, Georg. KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e Estrutura social**. Revan. Rio de Janeiro, 2004.

2. FOUCAULT, Michel. **Vingar e punir: nascimento da prisão**. Vozes. Rio de Janeiro, 2014. p.248

é uma prática do Estado sobre populações que sofrem esse estigma, a fala do ministro Torquato Jardim, em entrevista ao Correio Braziliense, na edição do dia 20 de fevereiro de 2018 sobre a intervenção militar do governo Temer no Rio de Janeiro, expõe o problema de definição do inimigo – *Quantos eu preciso para a rocinha ? Não sei. Como você vai prevenir toda aquela multidão entrando e saindo de todas as setecentas favelas? Tem 1,1 milhão de cariocas morando em zonas de favelas, de perigo. Desse 1,1 milhão, como saber que é do seu time e quem é contra? Não sabe.*

II. OS MASSACRES

Em 1992, no Complexo do Carandiru, o Brasil registrou o massacre nacional com o maior número de mortos. Houve um movimento posterior na investigação daquele espaço geográfico, e o que levou o Estado a tamanha atrocidade; o relato do Drauzio Varella, que atuou como médico naquela casa de detenção, trouxe para a esfera pública retratos dos presidiários, como pessoas comuns, marcados por problemas humanos – o trecho abaixo é uma falada do personagem SemChance, um presidiário.

— Para a sociedade, eu não passo de um reles, rejeitado que nem cachorro sarnento. Se aqui na cadeia os manos não tratar eu com o considerado, não vou ser nada para ninguém, sou um zero no mundo. Vou perder a identidade própria do ser humano. É sem chance.³

Apesar de todo efeito causado pela exposição desse espaço e a atrocidade da ação do Estado, a responsabilidade e improvável condenação dos policiais envolvidos que estão ainda hoje em trâmite na justiça brasileira causam desconforto no senso de justiça para uma parcela da sociedade; esse senso coloca em questão um ponto fundamental do sistema de cárcere brasileiro, a defesa sobre a responsabilidade de quem puxou o gatilho como somente peças finais da estrutura. Em entrevista ao canal Terra, um dos sobreviventes, David Oreste, questiona a imagem do presidiário enquadrado na ideia de vidas matáveis, *"A sociedade imagina que ali eram pessoas irrecuperáveis. Eram todos primários, molecada."*

A banalidade do mal, conceito cunhado pela Hannah Arendt num julgamento de um burocrata importante do nazismo alemão, responsável pela administração da solução final, é presente na estrutura argumentativa da defesa dos policiais que agiram, é a forma como o estado de direito

3. VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.

positivo relativiza a violência institucional do massacre. Esse conceito se refere a uma espécie de escape, através da relativização do papel social, onde há uma supressão do sentimento de culpa.

Uma ordem diferia da palavra do Führer porque a validade desta última não era limitada no tempo e no espaço — a característica mais notável da primeira. Essa é também a verdadeira razão pela qual a ordem do Führer para a Solução Final foi seguida por uma tempestade de regulamentos e diretivas, todos elaborados por advogados peritos e conselheiros legais, não por meros administradores; essa ordem, ao contrário de ordens comuns, foi tratada como uma lei.⁴

É justamente a problemática dessa violência - a *gewalt* mítica - presente na criação e manutenção para fins do Estado de direito, que pressupõe o uso da mesma para supressão de ameaças ao Estado, que geram o paradoxo do Direito. O monopólio da violência como ferramenta para fins, libera o uso de ações violentas que parecem agir de maneira independente e quebram com a própria ordem de legalidade do Direito.

Quando Francisco Crozera coloca o massacre do Carandiru como um massacre contínuo, ele pauta na incapacidade de mudança do status quo desde o acontecimento, a manutenção de toda violência estrutural nos presídios, numa espécie de *inter arma silent leges* - se não as armas, o silêncio. O isolamento e ofuscamento da realidade dos presídios é um exercício da manutenção do estado de Direito, através da violência.

Aparentemente, somente massacres explícitos e tragédias de grandes proporções são capazes de quebrar a invisibilidade/indiferença que se tem em relação ao mundo do cárcere, trazendo à tona os problemas do sistema penitenciário e o quanto ele diz respeito a todos nós – sem que isso resulte necessariamente em reflexão mais profunda.⁵

O alarmismo das manchetes que seguiam o massacre – *Massacre em Manaus deixa 56 detentos mortos, cabeças e pedaços de corpos foram jogados para o lado de fora da prisão* – guiam o campo de discussão para as especificidades do acontecimento, a imagem da barbárie do presídio.

Existem dois caminhos sobre a abordagem de fatos como o massacre do Compaj; uma tende a um pensamento conservador que defende o estado de direito positivo, a ordem e o progresso, através da repressão institucional sobre os agentes diretos; e outra liberal progressista, que parte do

4. ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Companhia das Letras. São Paulo, 1999. cap. VIII

5. MALLART, Fabio, org. GODOI, Rafael, org. **BR 111**. Veneta. São Paulo, 2017. p.10

alarmismo para tentar consertar problemas pontuais da violência estrutural, como o fato de existir uma superlotação de 170%. Ambas abordagens são problemáticas no entendimento e resolução do problema prisional brasileiro, pois reduzem a capacidade de manutenção da violência objetiva, da produção social da figura do bandido.

III. O MEDO

O compartilhamento do conteúdo *gore* – violência gráfica explícita – do massacre do Compaj, filmado e narrado pelos próprios atuantes, é mais uma história de indiferença sobre a morte de detentos no Brasil e todo o ódio lançado sobre a figura do bandido. A falsa proximidade da violência através da imagem, que é aumentada pelo não mostrar muito, o balançar da câmera e os cortes, gera o sentimento de choque, de repulsa e aversão à figura do bandido. As notícias e comentários sobre o acontecimento se prendem a investigação dos fragmentos e registros deixados.

Essas características de conteúdos midiáticos informativos reforçam, no receptor ativo da mensagem, o processo de desconstrução e banalização da morte do outro.

O espectro da vulnerabilidade paira sobre o planeta "negativamente globalizado". Estamos todos em perigo, e todos somos perigosos uns para os outros. Há apenas três papéis a desempenhar - perpetradores, vítimas e "baixas colaterais" - e não há carência de candidatos para o primeiro papel, enquanto as fileiras daqueles destinados ao segundo e ao terceiro crescem interminavelmente. Aqueles de nós que já se encontram na extremidade receptiva da globalização negativa buscam freneticamente fugir e procurar vingança. Os que até agora foram poupados temem que sua vez de fazer o mesmo possa chegar - e acabe chegando.⁶

Em meio a pesquisa do contexto das mídias digitais referentes ao massacre, algumas práticas desse uso da informação eram mostradas através de hashtags, máximas e símbolos; um ponto dessa banalização, por exemplo, é perceptível dentro de postagens na página do time de futebol Compensação – objeto de estudo por ser diretamente relacionado à Família do Norte.

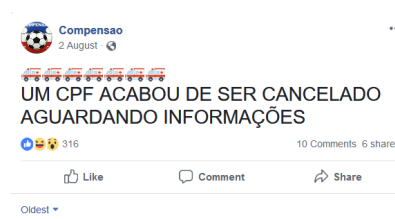


fig 1. *Postagem Compensao*

As práticas de violência entre facções, principalmente as cenas do massacre com fortes apelos performáticos, surgem a partir de um contexto

6. BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2008. p.128

marcado tanto pela exclusão violenta de indivíduos pelo Estado quanto uma cultura de efemeridade da vida, alimentada pelo consumo de fragmentos da violência subjetiva através da tela – a desconstrução da morte. O mundo líquido é um lugar de intermináveis conflitos, o inimigo, o outro está sempre à espreita.

Nesse contexto de anos vividos sobre a incapacidade de evocar o sentido primordial da prisão – a reabilitação e ressocialização dos indivíduos delinquentes – há um decaimento das políticas penais que antes eram pautadas sobre a confiança na razão e progresso, em lugar da sensação difusa de medo, de urgência e de ameaça.⁷ A vítima em potencial, agora como ponto central, torna a sociedade como um todo obsessiva pela segurança pública. A todo momento trechos sobre atrocidades que a figura do bandido é capaz de realizar são compartilhados nas mídias digitais, o perigo iminente que a existência das facções representa; a comoção e o conteúdo sensível torna o meio incapaz de diálogo, que requer a resposta imediata, a guerra contra o outro.

IV. FACÇÕES

A violência como meio e o ódio da sociedade versus bandido é reconhecida dentro das prisões brasileiras, as facções criminosas surgem em um contexto de luta, e botam em pauta a afirmação da *vida que corre junto ao crime*. O surgimento das duas principais facções atuais – o Primeiro Comando da Capital, PCC, e o Comando Vermelho, CV, se apoiam em pilares econômicos e políticos, marcados pela disputa do mercado de drogas e a união dos presidiários em pautas sobre a ética no crime. O movimento pós-carandiru de pulverização dos presídios toma um lado de afastamento entre prisão e mundo, na tentativa de abafar e reduzir qualquer possibilidade de novos massacres como o do Carandiru; o efeito colateral é cruel, uma vez que reforça o papel das facções na administração e bem estar das penitenciárias e, contraditoriamente, nega a existência das mesmas.

A partir do papel da organização entre presos e a lógica social do crime *que corre pelo certo*, é constituída a base dos discursos e recrutamentos das facções, consolidadas através de estatutos e regras de conduta. Para além do sujeito criminoso, que Foucault define através das práticas divi-sórias no surgimento das prisões, Danielli Vieira estabelece um estudo etnográfico da construção do sujeito-homem⁸, baseada principalmente em valores entre os presos como humildade e respeito. Estar no crime de-

7. GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**. Tese doutorado em sociologia - USP. São Paulo, 2015.

8. VIEIRA, Danielli. **Histórias sobre homicídios entre jovens**. Dilemas. Rio de Janeiro 2011.

monstra ser uma posição de resistência enquanto homo sacer – aquele a ser julgado pelos deuses, sujeito torturável e matável –, em que, apesar da abjeção, vêem a vida como uma algo que vale a pena viver intensamente.

O sistema penitenciário é marcado pela autonomia dos presidiários na organização e resolução dos conflitos internos, as facções nascem nesse solo de moralidade do crime como uma instituição capaz de garantir o senso de justiça dentro da prisão. O papel das facções nesse contexto social é legitimado pelos próprios presos, que ao aderirem abrem mão dos interesses pessoais em nome da regra coletiva, da irmandade. A proibição do uso de crack pelo PCC, por exemplo, foi um avanço enorme no combate de conflitos internos das prisões em que estão presentes.

A força do PCC não decorre apenas da capacidade de governar o crime, mas também do apelo de sua proposta: um mundo do crime pacificado, capaz de melhorar a vida de seus integrantes, de seus familiares e moradores dos bairros em que atuam. A obediência, nesse caso, não seria um simples processo imposto de cima para baixo à custa de uma estrutura de punição – com debates dentro e fora da prisão.⁹

Para além da máxima liberdade, justiça e paz, a presença de estatutos e sistemas políticos com certa horizontalidade dentro das facções demonstra esse caráter de subversão ao Estado, de uma autonomia estatal paralela voltado para os interesses e necessidades deles. A problemática da atual guerra entre facções também se estabelecem através de diretrizes políticas e econômicas. Como instituição que funciona e necessita de capital, as facções em geral são organizadas através do tráfico de drogas, que para tal fim buscam a expansão da influência política no território através do discurso de unificação da massa carcerária. Esses processos de expansão sofrem resistências de outros grupos, uma vez que funcionam como um Estado de direito em crescimento, que necessitam convencer ou eliminar através da repressão qualquer outra tentativa de estabelecer poder sobre – a *gewalt* mítica criadora e mantedora desse Estado.

As abordagens atuais políticas que visam enfraquecer esse sistema crescente dentro das prisões carecem de alternativas que realmente sejam efetivas a médio prazo. Em comparativo a tomada política da guerra ao terror, o uso da força repressiva sobre esses movimentos – tomadas pela necessidade do simbolismo da sensação de segurança, a

9. PAES, Bruno. NUNES, Camila. **A Guerra**. Todavia. São Paulo, 2018. p.123

morte do bandido – são incapazes de eliminar o inimigo, pela inexistência dele no campo da realidade e, em paralelo, admitem baixas colaterais de vidas marginais.

V. VIOLÊNCIA E LINGUAGEM

Nas últimas décadas, houve avanços em setores relacionados a moral, ética e prática social nos quesitos de Estado de direito. Porém, dada a falsa estabilidade das democracias contemporâneas e a manutenção de violências que não conseguem atingir o diálogo da esfera pública, vimos a submissão desses mesmos Estados de direito à política do medo. A guerra real, a guerra total, transformou-se na guerra de informações já sinalizada por McLuhan, as pautas políticas e justificativas da violência mítica da sociedade contemporânea são movidas pelo medo do outro, pelo inimigo simbólico.

Slavoj Žižek aborda a violência sob duas perspectivas, a violência objetiva e subjetiva; a violência subjetiva é toda violência, como a física, que se comporta na realidade, que é perceptível. A objetiva corresponde a lógica espectral, dentro do não visível, que determina no sistema capitalista tardio o que se passa na realidade social, ou seja, é anterior à toda violência subjetiva, é simbólica, estrutural e permeia o real hegeliano. O sistema de interdependência dessas duas perspectivas fornece condições de maneira automática a criação de indivíduos dispensáveis, pela significação, como a figura do bandido.

A linguagem simplifica a coisa designada, reduzindo-a a um simples traço. Difere da coisa, destruindo sua unidade orgânica, tratando suas partes e propriedades como se fossem autônomas. Insere a coisa num campo de significação que lhe é, em última instância, exterior. Quando chamamos o ouro de "ouro", extraímos violentamente um metal de sua textura natural, investindo nele nossos sonhos de riqueza, poder, pureza espiritual etc., ao mesmo tempo que nada disso tem relação com a realidade imediata do ouro.¹⁰

A lógica de pensamento que parte da análise da violência subjetiva tende a atribuir responsabilidades a partir dos fragmentos coletados na realidade, traduzidos em linguagem, e geram dessa maneira a violência simbólica, étnica, religiosa e racista. A perspectiva do racionalismo ocidental sob o terrorismo do estado islâmico, que habitualmente é comparado às práticas das facções brasileiras, chega a conclusões irregulares por partirem

10. ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Boitempo. São Paulo, 2014. p.59

do viés comparativo empático – de tentar se colocar em um local muito distante da sua realidade; como a conclusão esdrúxula de que os mártires jihadistas agem em troca de 72 virgens no paraíso; a racionalidade é uma derrapagem controlada entre as aparências.

O ato consumo da violência física se estabelece, pelo registro através de fotos e vídeos, como uma ferramenta de manutenção da violência pela linguagem, pelo inimigo simbólico. As ações de repressão, tortura e exclusão, mesmo que amparadas pela legitimidade do estado de direito positivo, são justificadas pela falsa premissa do mal necessário.

VI. MASSACRE NO COMPAJ

Dado o pensamento sobre o espectro da violência nas prisões brasileiras, podemos partir para a análise de caso do massacre ocorrido no Complexo Penitenciários Anísio Jobim, o Compaj. A escolha desse caso tem como ponto a prática sádica dos presidiários em filmar a ação violenta e a repercussão desse acontecimento nas mídias digitais, o acontecimento foi o primeiro entre uma série de rebeliões com mortes sumárias, frutos dessa prática estética, de janeiro de 2017.

A novidade durante a crise nos presídios seria o uso constante de aplicativos, com rebeliões e carnificinas fotografadas, filmadas e noticiadas em tempo real pelos próprios presos, numa espécie de "TV prisão".¹¹

Uma das principais notícias veiculadas sobre esse massacre trata exatamente do consumo dos registros filmados através de DVDs piratas na capital do Norte. Especificamente, a notícia trata da escassez e inflação dessa mídia nos camelôs e coloca em questão a vontade estranha, a priori, de um conteúdo de violência extrema explícita.

O contexto da prisão do Compaj anterior ao massacre era de instabilidade e ameaças desde junho de 2016 quando houve o rompimento oficial da aliança entre o Primeiro Comando e o Comando Vermelho; a Família do Norte, na época aliada ao cv, sofria a pressão do expansionismo paulista em busca pelas fronteiras do estado. A vontade de violência sobre os *bati-zados* do pcc vai bem além do simples fato de manter as finanças da FDN, o apelo da localidade, da quebrada, e a lógica de pensamento do sujeito expõem falas sobre a convivência entre irmãos, a pacificação da comunidade local e relações de respeito e pertencimento entre os irmãos.

11. PAES, Bruno. NUNES, Camila. **A Guerra**. Todavia. São Paulo, 2018. p.28

No sentido de aprofundamento da lógica vigente da vida do bandido e toda complexidade para além da camada superficial de fragmentos, o projeto trabalha – paradoxalmente – na coleta de novos fragmentos da realidade no sentido de metaforicamente dissecar os corpos dilacerados pela violência no presídio.

VII. A MORTE DO NARRADOR

Walter Benjamin analisa a tendência do desaparecimento da figura do narrador no mundo contemporâneo, principalmente a pós-guerra com a figura do soldado radicalmente desmoralizado, pobre em experiência comunicável. A figura do narrador ocupa a posição distante; a narrativa se encontra em principal na oralidade, nas fábulas e mitos, que sustentam a posição de interpretabilidade e intercâmbio.

O advento da comunicação e as técnicas de reprodução sufocam os fatores necessários para a figura do narrador, o primeiro sintoma dessa tendência, ainda segundo Benjamin, é o advento do romance moderno, que aparta a figura do narrador pela maneira descritiva da vida humana. Por fim, dada às novas condições de reprodutibilidade e imprensa se vê a tendência do desaparecimento da narrativa, dando espaço para a comunicação baseada na informação.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.¹²

Tal lógica de produção, voltando a teoria da modernidade líquida, é acentuada nos avanços das mídias digitais, que através do conteúdo imagético reforça essa absorção da informação que permeia a realidade. Os signos são cada vez mais fortes, a figura do bandido ganha novas forças a cada compartilhamento de informações significantes.

Quando analisadas as tendências da reprodutibilidade técnica no que corresponde ao campo de produção cultural, os conceitos tradicionais incontrolláveis da criatividade e gênio, validade eterna e estilo, forma e conteúdo, tendem a uma linguagem mecanizada, ao serviço da comunicação cega. As técnicas de gravura foram historicamente usadas nesse avanço da comunicação baseada na informação através de signos, matri-

12. BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Brasiliense. São Paulo, 8ª edição 2012. p. 203

zes para fins de ilustrar conteúdos; a leitura da imagem direta, do signo, é a supressão quase total do diálogo.

Dependendo das suas dimensões e do prazo disponível para a sua execução, o taco podia ser aberto por um ou mais gravadores – neste último caso, a matriz era dividida e, concluído o trabalho simultâneo em suas partes, remontada.¹³

O grande avanço da era informacional e a necessidade de profissionais em mídias é inerente ao florescimento do design, que se coloca como um mediador da linguagem dos meios. Para dentro da atual discussão sobre o papel do designer, a relação entre a tríade do estilo pessoal, objetividade e conceito não devem se manter neutros sobre as consequências da influência cultural imagética, como a perpetuação da violência objetiva. O design, dentro da cultura de mídias, codifica o mundo através da linguagem e transforma a realidade através da significação de imagens.

Para todo indivíduo alfabetizado que adquiriu o hábito de ler, a relação entre o significante (a letra) e o significado (o que essas três, quatro ou dez letras juntas querem dizer) é interiorizada, e não transita mais pelo objeto. Você lê o que os caracteres traçados escreveram sobre a página, e feito isso, passa diretamente à noção correspondente.¹⁴

O objetificação através de signos, como os clichês usados no passado, são a tendência máxima da morte do narrador, a leitura direta que não permite um diálogo sobre. A decodificação da informação através da leitura é orientada pela decifração do código gráfico, e não para a observação dos objetos circundantes.

O consumo de mídias em plataformas sociais na internet seguem a tendência da pregnância de símbolos e significações da realidade, mediante o consumo repetitivo de informações – curtas, em grande número e sem profundidade – sobre a figura do bandido.

VIII. OUROBOROS

A partir de toda problemática levantada pelos sete trechos anteriores, qual abordagem é válida, a partir do design, na leitura dessas imagens? Como podemos reconstruir uma perspectiva dos fragmentos?

13. CARDOSO, Rafael, org. **O design brasileiro antes do design**. Cosac Naify. São Paulo, 2005. p.64

14. ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Ubu Editora. São Paulo, 2018. p.67

O processo de codificação e significação do real hegeliano, pela linguagem – que inclui o design – transforma a realidade, sendo dessa maneira um agente da violência objetiva.

Considero que por trás de todo processo de mudança de perspectiva, de reconstrução dos fragmentos, nos encontramos ainda no paradoxo da linguagem, do eterno autofagismo. A partir do momento em que o designer exerce produção ele carrega o fardo do valor mítico, da limitação humana sobre o processo de codificação, que fabrica a realidade.

Ainda assim, dadas condições do agora e possibilidades de mudança, a atividade do design permite questionar e reconfigurar a nossa realidade através dela mesma, como forma de resistência, pelo deslocamento entre forma e conteúdo. Afinal, a realidade é um produto que produzimos.

In this model, the designer transforms and expresses content through graphic devices. The score or script is enhanced and made whole by the performance. And so the designer likewise becomes the physical manifestation of the content, not author but performer, the one who gives life to, who speaks the content, contextualizing it and bringing it into the frame of the present.¹⁵

Para tal releitura, considero necessárias novas abordagens e construções sobre temas complexos tais como o autofágico coletivo, que partem do princípio da dilatação do enquadramento atual – do deslocamento interpretativo. Como ponto norteador do desfecho desses estudos, vou ao diálogo, numa tentativa de releitura das informações através do objeto difuso, que se coloca como uma nova percepção estética da realidade.

15. ROCK, Michael. **Designer As Author**. (disponível em <http://2x4.org/ideas/22/designer-as-author>)

A partir da problemática apresentada, foram refletidas maneiras de colocar em questão as imagens brutais gravadas no massacre e o processo de significação das mortes.

Na linguística, a intertextualidade é um recurso que estabelece uma analogia mediada entre textos, que podem ser de naturezas diferentes. Como recurso principal da montagem do conteúdo do livro, foi usado um tipo específico de intertextualidade, a bricolagem, que é um tipo textual constituído pelos fragmentos de outros textos, que estabelecem relação de acordo com a montagem do autor.

os significados se transformam em significantes, e vice-versa. (...)

A poesia do bricolage lhe advém, também e sobretudo, do fato de que não se limita a cumprir ou executar, ele não "fala" apenas com as coisas, mas também através das coisas: narrando, através das escolhas que faz entre possíveis limitados, o caráter e vida de seu autor.¹⁶

Nesse tipo de raciocínio, os fragmentos são dispostos em um conjunto definido que modificam a relação do fragmento com o leitor, o questionamento do signo pelo deslocamento espacial.

Para a composição do conteúdo do livro, através desse processo, foram coletados uma variedade de resíduos que de alguma forma se relacionam com o massacre no Compaj, divididos em fragmentos relacionados diretamente e indiretamente. A leitura dos fragmentos se relacionam também, em uma segunda fase de mistura heterogênea, a outros conteúdos significantes estabelecidos pela mediação do objeto.

Partindo desse pensamento, seguimos com algumas referências de projetos editoriais que trabalham nesse fluxo narrativo.

16. STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Papirus. São Paulo, 1989. p.36

A obra "Postais para Charles Lynch" (2014) do Coletivo Garapa retrata, através da manipulação de cenas gravadas, o fascínio popular sobre a aniquilação do indivíduo marginalizado.

O livro-manifesto parte de um estudo imagético e histórico sobre o linchamento, que além da crueldade do ato em si, trazem consigo a prática do registro. A ideia de transformar os atuais frames de vídeos em postais remete a tradição histórica dessa mídia dentro da prática.

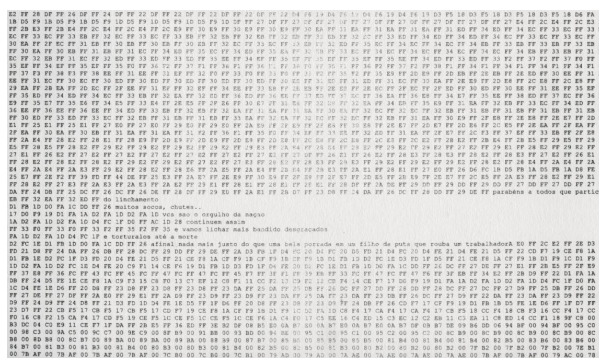
fig 2. Livro *Postais para Charles Lynch*



fig 3. Página composta pela interferência do código da imagem jpg com os comentários de ódio dos vídeos

O conteúdo coletado em mídias digitais, como YouTube, é em geral volátil, por ir contra as diretrizes, mas ao mesmo continua sendo reproduzido e registrado em novos casos, numa constante manutenção da violência simbólica. A proposta da materialidade através do livro ao mesmo transforma a linguagem de abordagem do conteúdo e solidifica esse conteúdo.

fig 4. Página da inserção dos áudios



A livro de artista "O Mez da Grippe" (1981) do Valêncio Xavier, é uma novela que permeia entre os acontecimentos da realidade e o fictício.

A obra é composta por recortes de jornais, anúncios publicitários, depoimentos e fotografias que juntos à narrativa do autor retratam a cidade de Curitiba na época da gripe espanhola, de 1918.

O livro se compõe pela mistura do literário com o não-literário, na exploração de novas formas de narrativa através dos estilhaços da história, dos fragmentos do real. A informação previamente coletada nesse livro é manipulada pelo autor ressignificando os signos previamente estabelecidos.



fig 5. *O Mez da Grippe* edição original

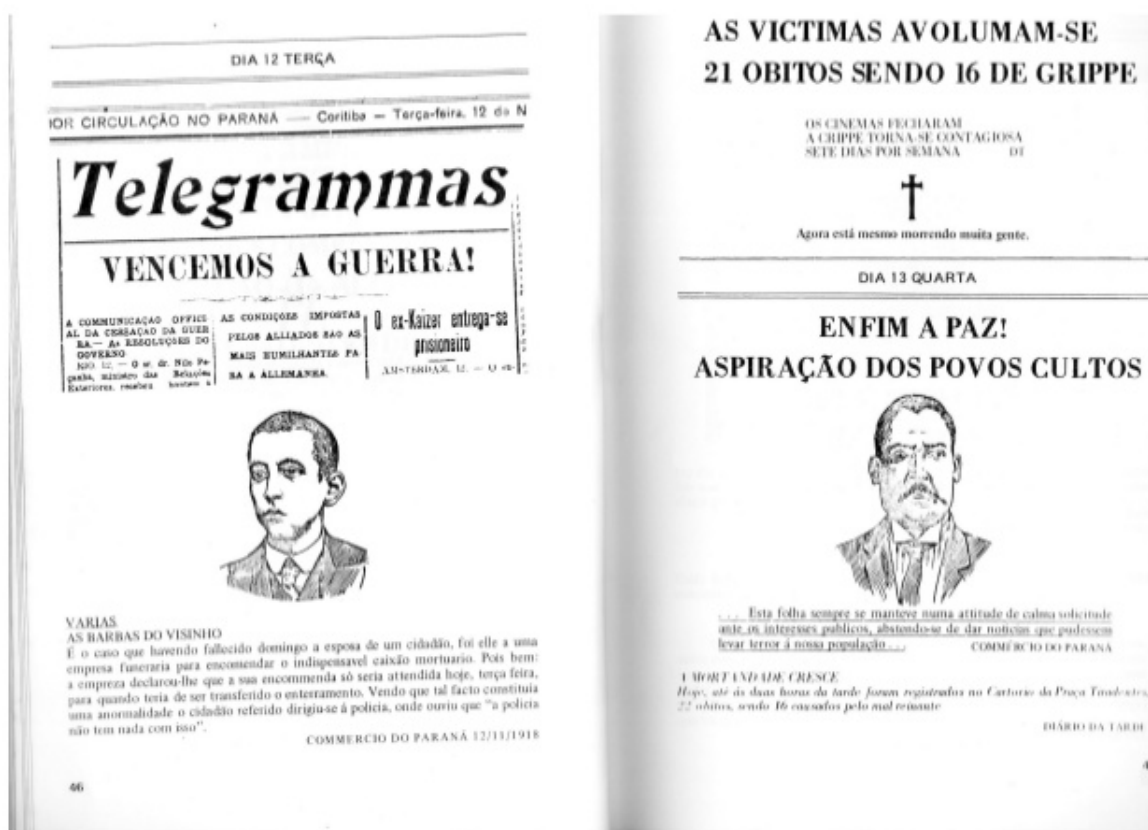


fig 6. *Spread O Mez da Grippe*

O conto do século XIX escrito por Tolstói retrata a história do autoritarismo russo sob comando do czar Nicolau I, onde soldados, prisioneiros e suspeitos de crimes sofriam penas de açoites e espancamentos.

A edição em questão, publicada pela Dodo Publicações & Edições Catador nesse ano de 2018, traz junto ao texto secular imagens do Brasil contemporâneo.

As imagens retratam violências institucionais como a violência policial e prisões; nesse sentido, propõem uma nova leitura do contexto atual a partir da temporalidade do texto.



fig 7. Nicolas Palkine, ed.2018



fig 8. Spread Nicolas Palkine

Com objetivo de curadoria das mídias coletadas e organização do conteúdo em si, partimos para a análise do corpo.

Os fragmentos coletados relacionados diretamente são imagens do massacre, tanto retiradas de vídeos como fotos, os áudios dos vídeos, conteúdos do facebook sobre, manchetes de jornais, e outros resíduos disponíveis na rede. Já os relacionados indiretamente são fragmentos diversos, como o paralelismo do massacre do Carandiru, o discurso presente das facções, comentários de senso comum, e textos relacionados ao crescimento individual.

A coleta dos conteúdos ocorreu durante quase todo o processo do projeto, os *inputs* da pesquisa seguem um processo em cadeia a partir da notícia sobre a venda de DVDs do massacre e toda pesquisa bibliográfica referente ao mesmo; como as estruturas internas das facções. Em uma senguda camada, o próprio algoritmo das mídias digitais misturados ao momento político brasileiros passaram a gerar novos *inputs* de pesquisa, como o gráfico que fala sobre a plenitude.

Para além dos fragmentos, dentro da proposta de estabelecer um novo sentido literário sobre essas peças, dividi os conteúdos entre três campos máximos: o espaço geográfico, a desfrutação pelos indivíduos e a dominação de uns sobre outros.

Dentro dessa divisão e abordagem dos conteúdos – voltados para o objetivo de resgate de fragmentos no processo de releitura da realidade, relacionei os campos a trechos literários, que trazem um viés pessoal sobre a leitura desses trechos e criam, a partir do recorte físico e temporal, uma releitura da realidade imediata.

Em todos os objetos que sobressaem da história (e portanto da historiografia) é preciso procurar "o lugar do nosso encontro". O que isso quer dizer se não reorganizar os dados que se inventariou e deles imaginar um sentido? Fazer nascer de seu fruto, um fruto provável, essa matriz significante?¹⁷

17. ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Ubu Editora. São Paulo, 2018. p.99

Como primeiro abordado, o tórax é a estrutura básica primordial que dispõe os órgãos de funcionamento, a massa localizável no tempo-espço. Relacionado ao contexto geográfico em questão, abordamos na primeira parte os fragmentos relacionados ao choque imediato.

As palavras chave trazem partem de uma tentativa de divisão inicial dos conteúdos relacionados diretamente, para um segundo momento de pensar sobre a leitura dos fragmentos. Algumas falas dos trechos filmados, como por exemplo o "balde cheio de coração" são equiparadas à própria situação do espaço; trazendo dessa maneira novas leituras quando reorganizadas estruturalmente.



fig 9. *Localização Compaj*

Palavras-chave: Presídio, aglomeração, coletivo, carnificina, caos

A abertura se dá com a principal manchete veiculada nas mídias digitais, já no intuito de localização relativa a data e local, além das primeiras cenas de horror figuradas pelo texto dos pedaços arremessados. No decorrer do capítulo, foram selecionados trechos relativos ao massacre do Carandiru e colocado o ato de arrancar do coração como ponto estético da violação do tórax.

O trecho literário relacionado a essa parte é o CANTO VII da Divina Comédia. Os cantos têm um aspecto histórico da estruturação poética do local inferno; no caminhar dos peregrinos e a análise sobre a divisão de círculos, as estruturas não caóticas de tortura são relacionados ao início da concepção do inferno como um lugar pensado pela racionalidade humana, antes visto como um organismo tomado pelo caos, o mal puro, a expressão na boca do inferno por exemplo, remete a essa característica orgânica, diferentemente dos portões do inferno.

O sentido de pagamento da penitência, assim relacionado às prisões brasileiras, são conduzidas pelo sofrimento do outro, na dicotomia entre céu e inferno, entre o *na rua* e a prisão.

Apesar da escuridão, pude ver, naquela água escura, vultos nus cobertos de lama remexendo-se, com feições iradas. Eles esmurravam-se com as mãos, batiam cabeças, se chutavam e arrancavam as peles uns dos outros com os dentes.

- Filho - disse o bom mestre -, aqui tu vês as almas dos vencidos pela ira, e vou dizer-te ainda, se me crês, que embaixo d'água há gente que suspira, fa-

zendo-a borbulhar. São aqueles vencidos pelo rancor, a ira contida e passiva, porém igualmente destrutiva. Eles gorgolam o lodo e formam as bolhas que pipocam sobre esta lama fétida.¹⁸

O canto retirado é a visão sobre os condenados pela ira, que lutam entre si na escuridão do Rio Estige. A ira é retratada como o desejo exagerado de brigar com alguém, de arrancar os corações, mesmo sem motivo palpável. Nesse incontrolável estado de violência física, que por assim condenados, permanecem confinados em um espaço lutando entre si – na existência miserável humana.

fig 10. *Rio Estige*



II. MEMBROS

A segunda parte analisa a relação do indivíduo com o meio, como é a interação do homem-sujeito em busca do bem estar na prisão e a relação do preso com o mundo externo. Esse trecho passa ao posicionamento do indivíduo como ser social na tentativa de organizar o que antes era o caos do inferno. O pensamento sobre esse ponto partiu de vários comentários, posts e notícias que questionavam a legitimidade do lazer do presidiário.

Palavras-chave: Instrumentos, bem-estar, gozo, darwinismo social, crescimento

A selfie tirada momentos antes do massacre, que retrata os membros da FDN exibindo armas, acessórios e instrumentos da vida cotidiana tem um apelo sobre o pertencimento, a união e soberania do grupo, mesmo que vinculados à aniquilação de outros parecidos, julgados por crimes.

O trecho retirado que compõe essa parte, capítulo 117, é uma explicação das relações entre homens – movidos pela disputa, hierarquia e gozo – do personagem Quincas Borba, o filósofo humanitas machadiano.

Humanitas, dizia ele, o princípio das coisas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens. Conta três fases Humanitas: a estática, anterior a toda a criação; a expansiva, começo das coisas; a dispersiva, aparecimento do homem; e contará mais uma, a contrativa, absorção do homem e das coisas. A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original. — Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido

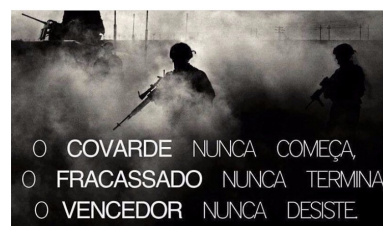
18. ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução em prosa por Helder da Rocha. 2000.

em cada homem.

[...] este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados como único fim de dar mate ao meu apetite.¹⁹

fig 11. *Quote*

28



No trecho explicativo da teoria, escrito em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, trazem uma paródia do pensamento positivo e evolucionista da época, o humanitismo é a crença no valor pessoal. Em leitura, a segunda parte do autofágico remetem à essa crença, a vontade de gozar a vida que é negada para pessoas na condição de bandido; e trazem para o estado do local a disputa presente e reafirmada pela violência objetiva, a ideia do evolucionismo, da lei do mais forte. O estado de guerra, questionado no trecho como uma operação conveniente, é a aceitação da natureza violenta na manutenção do gozo de alguns, da disputa primordial do capitalismo tardio.

O bandido no contexto de disputa prisional se torna uma figura importante para os próprios presidiários, pela afirmação de uma moral social positiva, uma vez que jogados na batalha.

III. CABEÇA

A decapitação representa o ápice da violência simbólica, ela se apresenta como a conexão entre violência subjetiva na maneira pura e a violência objetiva em seu estado máximo.

Palavras-chave: Luta, derrota, decapitação, inimigo, outro

A última parte do livro, seguindo a linha de disputa violenta pela afirmação e manutenção do estado de direito, é o cenário de campo de batalha. As práticas de violência física retratadas nas imagens do massacre são mais do que a eliminação de um grupo em disputa, elas retratam a dominação de um grupo naquele espaço.

O trecho literário que compõe essa parte é uma obra do século IV A.C, *A arte da guerra* de Sun Tzu. O livro é reconhecido hoje por dispor em prateleiras de literatura da economia e administração, voltados para a leitura metafórica da batalha no capitalismo tardio.

Em terreno dispersivo, não lute; em terreno fácil, não pare; em terreno

19. ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Acervo da Biblioteca Nacional.

controverso, não ataque; em terreno aberto, não tente barrar o inimigo; em terreno de estradas cruzadas, faça alianças; em terreno crítico, saqueie os recursos do inimigo; em terreno difícil, marche sem parar; em terrenos propícios a emboscadas, elabore planos de contingências e em terrenos sem saída, lute. Coloque suas tropas em situações de vida ou morte, em terrenos sem saída, só assim continuaram vivos. Somente quando em real perigo, os homens aprendem a transformar derrota em vitória.²⁰

O trecho em específico escolhido retrata conselhos sobre decisões baseadas na geografia do campo de batalha, e de como lidar com a moral dos soldados para resultados vitoriosos. Em releitura, o trecho reafirma o sentido original da batalha real – marcado ainda pela violência objetiva do sistema penitenciário – que estabelece pela guerra, pela supressão do outro, o estado de direito no inferno, o direito ao gozo humanitas.

20. TZU, Sun. **A arte da guerra**. Jardim dos Livros, 2007.

SERIGRAFIA

Enquanto proposta de objeto, e pelo trabalho que venho desenvolvendo em gravura, decidi direcionar e limitar o projeto à produção em serigrafia; que permite um aprofundamento melhor nos quesitos de produção gráfica e a disponibilidade de imprimir uma pequena tiragem.

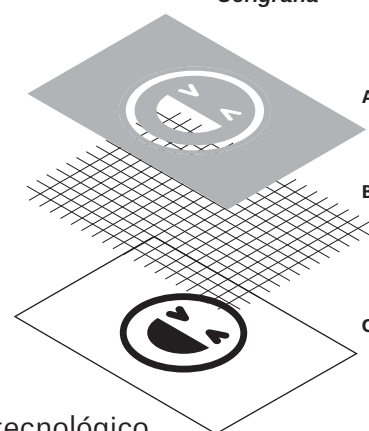
A serigrafia é uma técnica de impressão com surgimento próximo de 221 DC na China, e é um tipo de impressão permeográfica – onde a matriz é plana – e funciona com um princípio de máscaras parecido com o stencil. Em resumo, a serigrafia consiste em criar uma máscara^A em uma trama de fios abertos^B, na qual a tinta atravessa os locais da trama que não são fechados pela máscara e transfere para o suporte^C.

Apesar do princípio e surgimento ser bem antigo, o avanço tecnológico dessa técnica foi considerável a partir do século 20, a exemplo da introdução do icônico rodo e da gravação fotossensível. Por ser um processo relativamente simples e com uma gama de aplicações relativas ao suporte, a serigrafia, diferentemente de vários processos de gravura, foi amplamente absorvida pelo processo industrial, e até hoje é base de produção de variados impressos.

Diferentemente do processo industrial, a prática no ateliê, apesar das limitações, permite experimentar variadas maneiras de conduzir o processo de serigrafia. Nesse projeto, por exemplo, tive que pensar em aspectos que economizariam tempo de impressão e soluções para o registro da impressão frente e verso.

O processo pode ser dividido em duas etapas, a de pré-impressão, que é todo o planejamento, impressão dos positivos e gravação das telas; e produção, que é a impressão no suporte a partir da matriz. Seguiremos na ordem adiante.

fig 12.
Serigrafia



Seguindo as definições de projeto, nessa etapa se foi considerado alguns aspectos iniciais da pré-impressão, aproveitamento de papel e fluxo de trabalho para a escolha do formato do livro.

As dimensões totais são definidas por três medidas básicas, a área disponível no papel, a área de impressão do fotolito e a área de uso na tela. A maioria dos papéis voltados para o mercado gráfico disponíveis usam o formato padrão de 660×960mm, a área gravável do fotolito orçado mais em conta corresponde a 560×960mm e as telas disponíveis pode variar entre a tamanho A3 ou A2.

Na primeira divisão básica foi definido um corte das folhas em três pedaços no tamanho 320×960mm, com uma área de impressão de 585×280mm que caberiam 3 *spreads* juntos, e uma boa margem necessária para o fluxo de impressão de serigrafia; então, a partir dessa divisão, foi definido o tamanho da folha, 140×195mm. No total, a impressão de 36 faces por lâmina 66×96 tem um aproveitamento de cerca de 80% do papel, um aproveitamento razoável quando considerado os processos manuais.

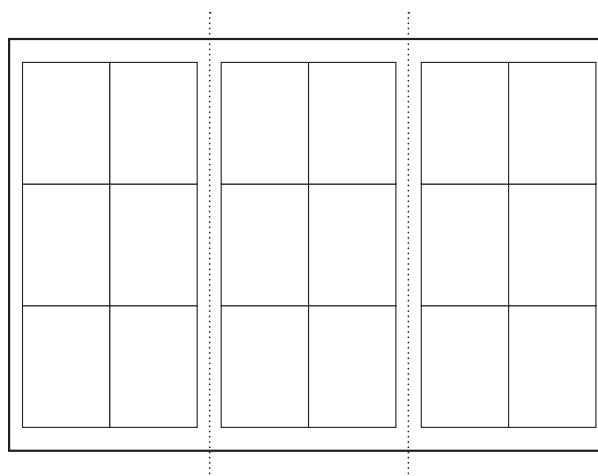


fig 13. *Modelo de divisão por folha 660×960mm*

O segundo formato, de alguns *spreads* menores, partem do formato da folha A3, de 297×420mm; a área de impressão foi definida em 280×340mm dividida entre 4 *spreads*, com cada folha em 70×170mm. As 16 faces por lâmina A3 tem um aproveitamento de aproximados 80% do papel, como na primeira.

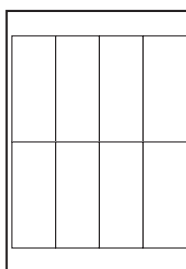


fig 14. *Modelo de divisão por folha A3*

PAPEL E MONTAGEM

Com os tamanhos definidos, criei uma base de funcionamento inicial dos fólhos e usei três tipos de papel, um formato menor de página, um padrão claro e um padrão escuro; algumas das primeiras diretrizes foram guias iniciais que se modificaram ao longo do processo de montagem da narrativa do conteúdo, que necessitou de um processo fluido.

Os papéis do formato maior, por terem uma carga padrão de tinta à base d'água, precisam ter uma gramatura alta suficiente para não enrugar e baixa suficiente para ter um bom grau de maleabilidade das páginas; com isso foram testados os 120g/m² e 180g/m², e definidos o uso do 120g/m².

Para o formato menor já havia a possibilidade de usar um estoque de papéis Pólen Soft 90g/m², que por serem mais finos, necessitam de uma carga de tinta menor; o uso funcionou através da restrição do conteúdo tipográfico e um amplo espaço negativo.

Após alguns testes e pesquisa de disponibilidade do mercado, os papéis do formato maior foram o Marrakech Giz e o Color Plus Los Angeles.



fig 15. *Pólen Soft*

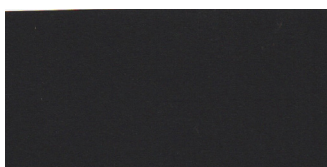


fig 16. *Color Plus Los Angeles*

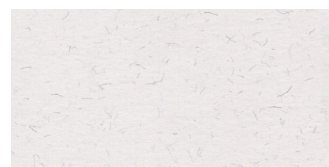


fig 17. *Marrakech Giz*

A estrutura de fólhos ficou definido como um padrão flexível de 4 lâminas, ou 16 páginas. Como há uma mistura de papéis, essa definição que interfere na costura e produção, foi de fato consolidada somente depois de um esqueleto e testes com o conteúdo.

Ao final do processo, o livro é composto por 4 fólhos e um total de 60 páginas dispostas como no esquema abaixo. Durante o processo de composição do conteúdo

33

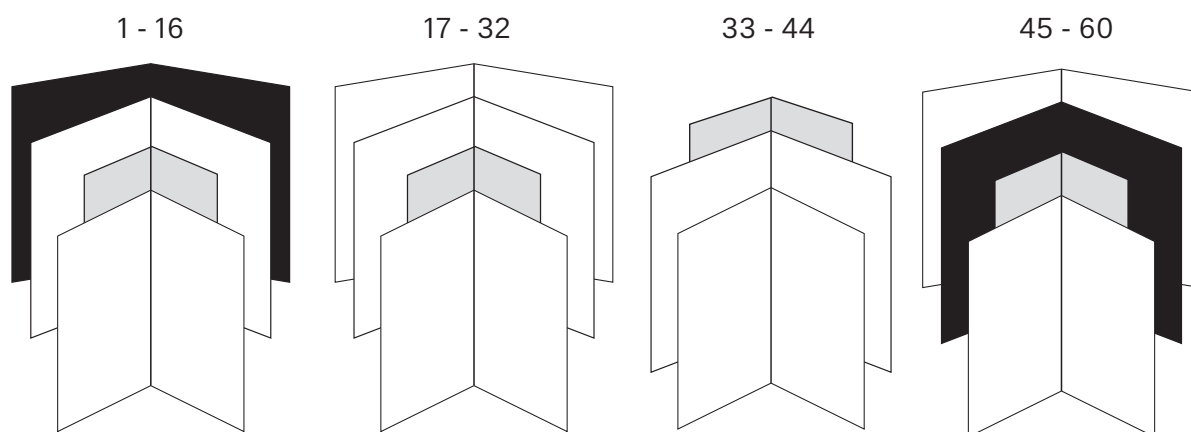


fig 18. *Esquema de páginas final*

Com a área total de impressão, foi possível planejar o encaixe de todas as faces no positivo – que consiste em uma impressão preta sobre algum suporte transparente que ofusque pontos de luz na gravação da tela; o positivo usado foi o fotolito, usado geralmente para gravações das chapas matriz de impressão offset. As faces couberam em 3 fotolitos 560×960mm.



fig 19. *Esquema de encaixe dos fotolitos*

Após definir o formato e suporte, passamos para a edição dos conteúdos.

Chivo, Gatti & Omnibus-Type

Como primeira família tipográfica apresentada, devida à importância das definições da *baseline* que dá corpo para o resto do projeto, a Chivo é uma família do estilo grotesco, com um desenho mais próximo das primeiras nesse estilo. A escolha foi, em parte, pautada pelas características mínimas para as definições de impressão – o traço não modulado do estilo realista, já que ela aparece em tamanhos pequenos ao longo do livro e a serigrafia tem uma limitação de detalhes.

Aa

regular
regular *itálico*
bold
black

Durante 3,5 anos sobrevivi nesse inferno...
Sai com vida, a reconstruí, quebrei o círculo
vicioso, burlei o sistema.... Porém registrei
td em diários, guardados comigo há mais de
década, como demônios acorrentados, loucos
pra sair....Mas ainda não é hora.

deixa

estilo de texto padrão,
regular, tamanho 9/13,5pt

título manchete,
bold, tamanho 72/74,25pt

A definição da baseline foi fundamental para o decorrer das definições de objeto que seguiram, o cálculo das entrelinhas em geral é feito sob proporção e porcentagem de maneira com que os textos tenham alguma relação entre si, alinhando sempre que possível.

Inicialmente foram feitos testes de todas tipografias e funcionamento do texto, próximos da escala final, mas a fixação da baseline foi um ponto fundamental para o fechamento do projeto gráfico do livro.

A partir desses parâmetros de *baseline*, as margens e colunas foram colocadas no formato das páginas do projeto, seguindo os esquemas abaixo.

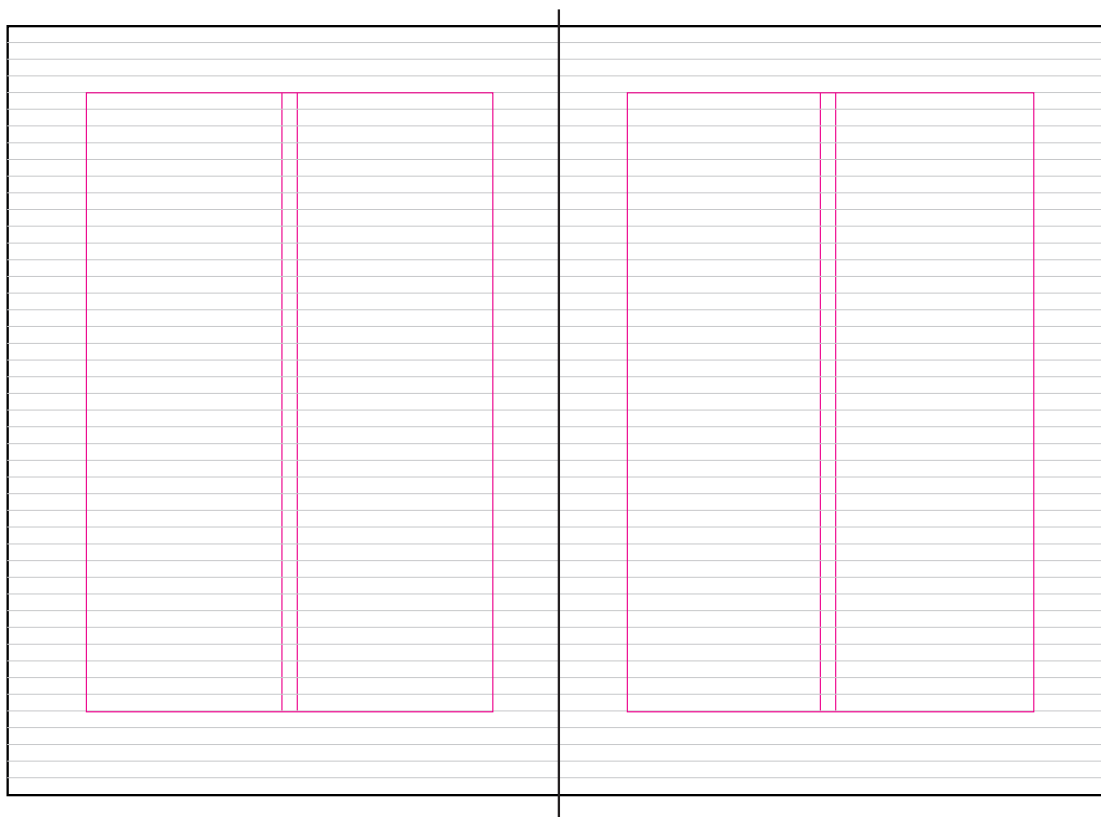


fig 20. *Guias do spread maior*

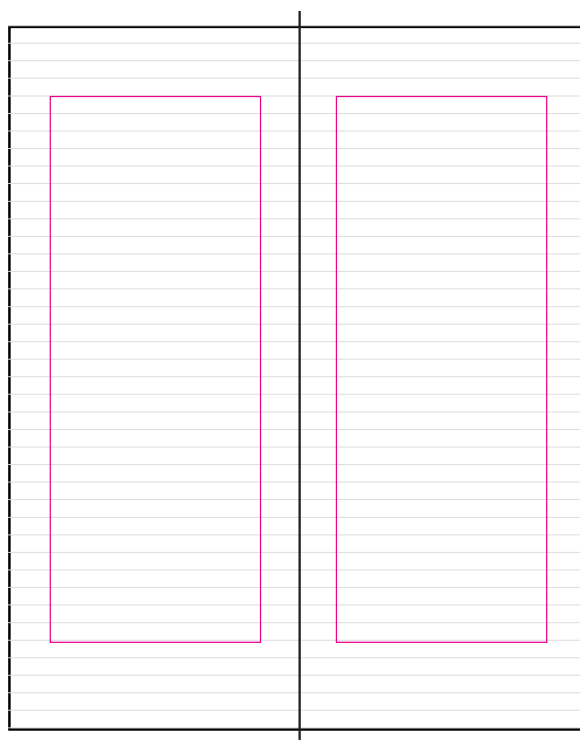


fig 21. *Guias do spread menor*

A disposição de cores do projeto possuem dois parâmetros básicos, que são a escala cromática e a quantidade de trabalho para a impressão de cada canal de cor. Considerando os aspectos tanto de impressão quanto de papel, foram escolhidas duas cromias para impressão, o cinza escuro (mistura de preto, branco e amarelo) para as impressões em suporte claro e o amarelo limão usado em tinta de tecido para os papéis escuros, a tinta de tecido possui maior cobertura, mantendo a claridade necessária.

CORTE E COSTURA

As definições de corte e costura reforçam as características do cru, do bruto, no objeto como um todo. Pelos aspectos pré-definidos de impressão e produção, os cortes das páginas são feitos através do rasgado com suporte da régua, dividindo as folhas que são coladas sem sangria e as margens da lâmina impressa; os cortes opostos à costura são feitos após a montagem dos fólhos, mantendo uma certa homogeneidade no tamanho final das páginas.

A costura usada é a costura tradicional de lombada fechada, com 6 furos, conforme o esquema abaixo. Uma camada de cola mantém a integridade dessa lombada.

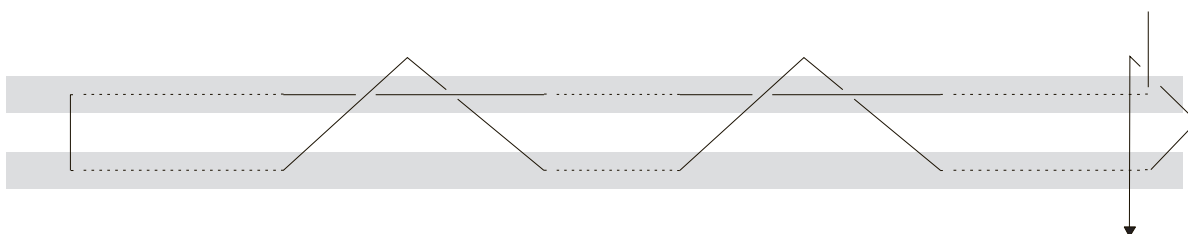


fig 22. *Sistema de costura*

Inknut, Claus Eggert Sørensen

Essa família foi escolhida para compor os textos literários, que seguem uma proporção hierárquica acima do texto comum apresentado pela Chivo, já que os capítulos do livro são conduzidos por esses trechos.

Aa

regular
bold

se me crês, que
embaixo d'água há
gente que suspira,

estilo de texto
regular, tamanho 24/33,75pt

Old English MT, Monotype

Como suporte, a tradicional gótica aparece em algumas partes do livro como as capitulares dos textos literários e as adagas †. Para o encaixe do exemplo, foram necessários ajustes nos espaçamentos da direita e inferior.

Aa

Humanitas,
dizia ele, o
princípio das
coisas, não é
outro senão o mesmo
homem repartido por
todos os homens.

capitular
regular, 4 linhas

Space Mono, Colophon

Para os trechos que são transcrições de áudio e textos compartilhados por *salves* foi usada essa família monoespçada. A hierarquia é relativamente próxima dos textos comuns, com um tom a mais.

Aa

(sic)

Quando algum ato de covardia,
exterminio de vida extorsões
que forem comprovadas, esti-
ver ocorrendo na rua ou nas
cadeias por parte dos nossos
inimigos daremos uma resposta
a altura do crime.

estilo de texto

bold, tamanho 9,5/13,5

RETÍCULAS

Acompanhado do conteúdo textual, fotos retiradas principalmente dos vídeos compartilhados via WhatsApp passaram pela interferência gráfica e são dispostas ao longo do livro. O uso da monocromia em retícula torna as fotos consideravelmente mais suaves do que o conteúdo cru delas, mantendo o registro da brutalidade do massacre.

Considerando novamente as limitações do processo serigráfico, foram usadas as retículas com lineatura de 35DPI, em 35° e no formato de diamante. Com essas configurações, os pontos pequenos positivos se mantêm na tela e os negativos abrem.

fig 23. *Retícula 35DPI*fig 24. *Retícula impressa*



fig 25. (direita) *capa*

fig 26.(abaixo) *abertura de capítulo*

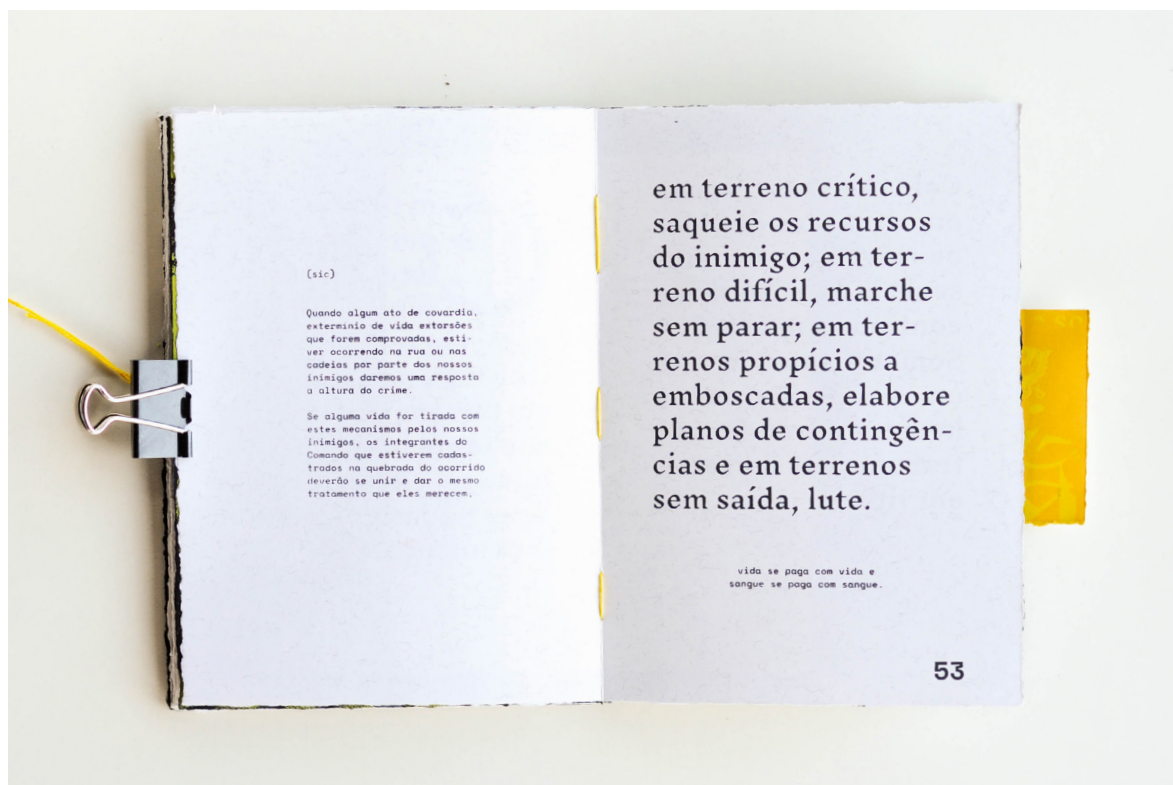


fig 27. *spread texto imagem*
fig 28. *spread página menor*



fig 29. *spread manchete*

fig 30. *spread texto*



GRAVAÇÃO DAS TELAS

O processo de serigrafia, ainda feito sem muitos equipamentos industriais, traz algumas limitações de resolução gravável. Os três principais fatores aqui abordados são o positivo, a lineatura e a emulsão, tendo outras variáveis no processo, como a coloração dos fios, a luz emitida pela lâmpada, espessura da camada de emulsão etc.

A lineatura – quantidade de fios por área – da tela, varia em geral de 32 a 180 fios, sendo cada uma recomendada para diferentes suportes, tipos de tinta e detalhes requeridos na matriz.

No caso, por usar tinta a base d'água e pela probabilidade de entupimento, foram usadas telas de 55 fios para os *spreads* maiores e 77 fios para os *spreads* menores.

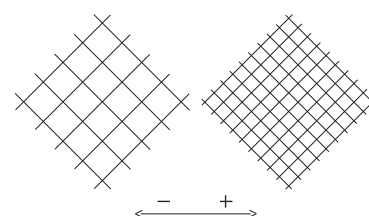


fig 31. *Diferença de lineatura*

A gravação da tela é feita com emulsão fotossensível, tendo duas possibilidades de sensibilizador, o bicromato ou diazo. A diferença prática, que foi testada, é em relação a ancoragem da emulsão na tela; a emulsão de bicromato tende a ancorar somente diretamente nos fios da tela, com uma perda de resolução, e a de diazo consegue aglutinar nela mesma, mantendo boa parte das curvas. Como foram usadas fontes no tamanho pequeno e fotos em retícula, já na tela relativamente aberta para esse tipo de uso, optei pelo diazo na gravação.

Nessa etapa, foram misturadas a emulsão WR com o diazo D – na proporção de 9 para 1 – e aplicada uma camada por tela. A gravação do positivo, através de raios uv, endurece a parte negativa e as partes positivas soltam quando lavadas com água. Os positivos usados partiram de recortes das três lâminas de fotolitos 560×960mm.

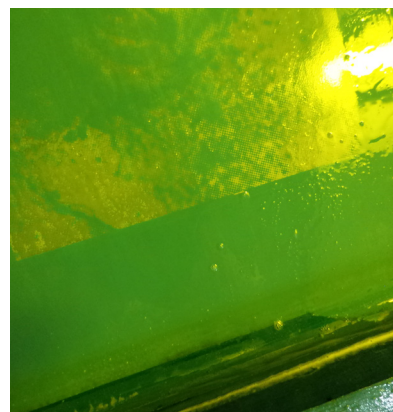


fig 32. *Lavagem*

Com as telas gravadas, a parte de impressão foi realizada seguindo parte dos planejamentos. Uma das definições de impressão de três fólios por página foi modificada para duas, com o corte da terceira – que posteriormente foi usada imprimindo duas folhas por vez. A mudança nessa parte, apesar de não necessária, se deu pela possibilidade de imprimir parte da tiragem após a montagem de um primeiro lote, sem a necessidade de regravar telas.

Para o encaixe das lâminas, foram cortados triângulos que marcavam os exatos pontos onde terminavam a espinha dos fólios, que ao virar funcionavam como um registro para impressão do verso.

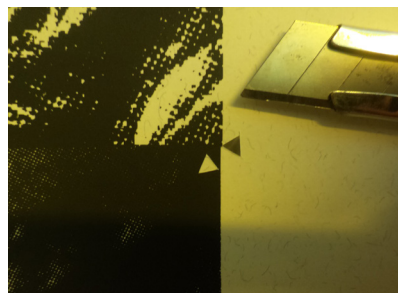


fig 33. *Registro da espinha*

MONTAGEM

A montagem é feita em seis passos:

01. corte dos cantos superiores e inferiores das lâminas impressas;
 02. divisão dos fólios por livro;
 03. perfuração dos fólios;
 04. costura;
 05. corte do canto oposto a espinha e
 06. camada de cola na lombada.
- Além do miolo, é colocada uma cinta.

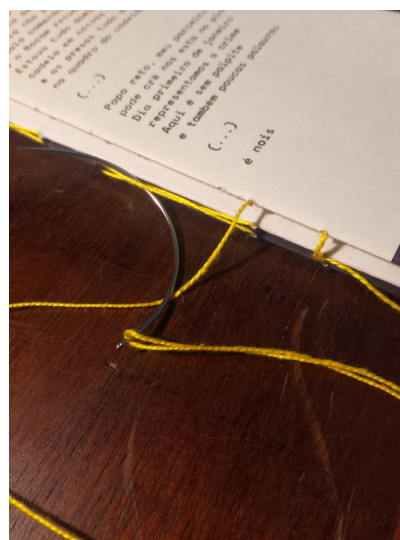


fig 34. *Costura dos fólios*

Os primeiros questionamentos levantados sobre o consumo da violência, que retratam a prática de massacres sumários nos meios digitais, são questões de ampla complexidade por serem frutos de uma violência estrutural contemporânea. Para tal, o expandir questões em detrimento de soluções foi bem-vindo desde o começo do projeto.

No decorrer do projeto, a proposta de trabalhar com o tema de violência em vias digitais junto às eleições de 2018, onde o tema de segurança pública foi extremamente recorrente, gerou um processo de imersão doloroso e necessário para uma possível leitura de como é composta a imagem do bandido e como lidamos com o próximo. Para além dos fragmentos sádicos presentes nesse meio, outros pensamentos e relatos trouxeram para mim questionamentos que permitiram explorar a configuração da narrativa do livro impresso, um novo fragmento marcado por essa trajetória.

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Zahar. São Paulo, 1985.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **The gulf war did not take place**. Indiana University Press. Indiana, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. Editora 34. São Paulo, 2ª edição. 2013.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Brasiliense. São Paulo, 8ª edição 2012.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. Cosac Naify. São Paulo, 3ª edição 2011.

CARDOSO, Rafael, org. **O design brasileiro antes do design**. Cosac Naify. São Paulo, 2005.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. Cosac Naify. São Paulo, 2007.

FOCAULT, Michel. **Vingar e punir: nascimento da prisão**. Vozes. Rio de Janeiro, 2014.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada do tempo**. Tese doutorado em sociologia - USP. São Paulo, 2015.

MALLART, Fabio, org. GODOI, Rafael, org. **BR 111: A rota das prisões brasileiras**. Veneta. São Paulo, 2017.

MCLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**. Ubu. São Paulo, 2018.

PAES, Bruno. NUNES, Camila. **A Guerra: A ascensão do pcc e do mundo do crime no Brasil**. Todavia. São Paulo, 2018.

RUSCHE, Georg. KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e Estrutura social**. Revan. Rio de Janeiro, 2004.

STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Papirus. São Paulo, 1989.

TIMERMAN, Natalia. **Desterros: histórias de um hospital-prisão**. Elefante. São Paulo, 2017.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.

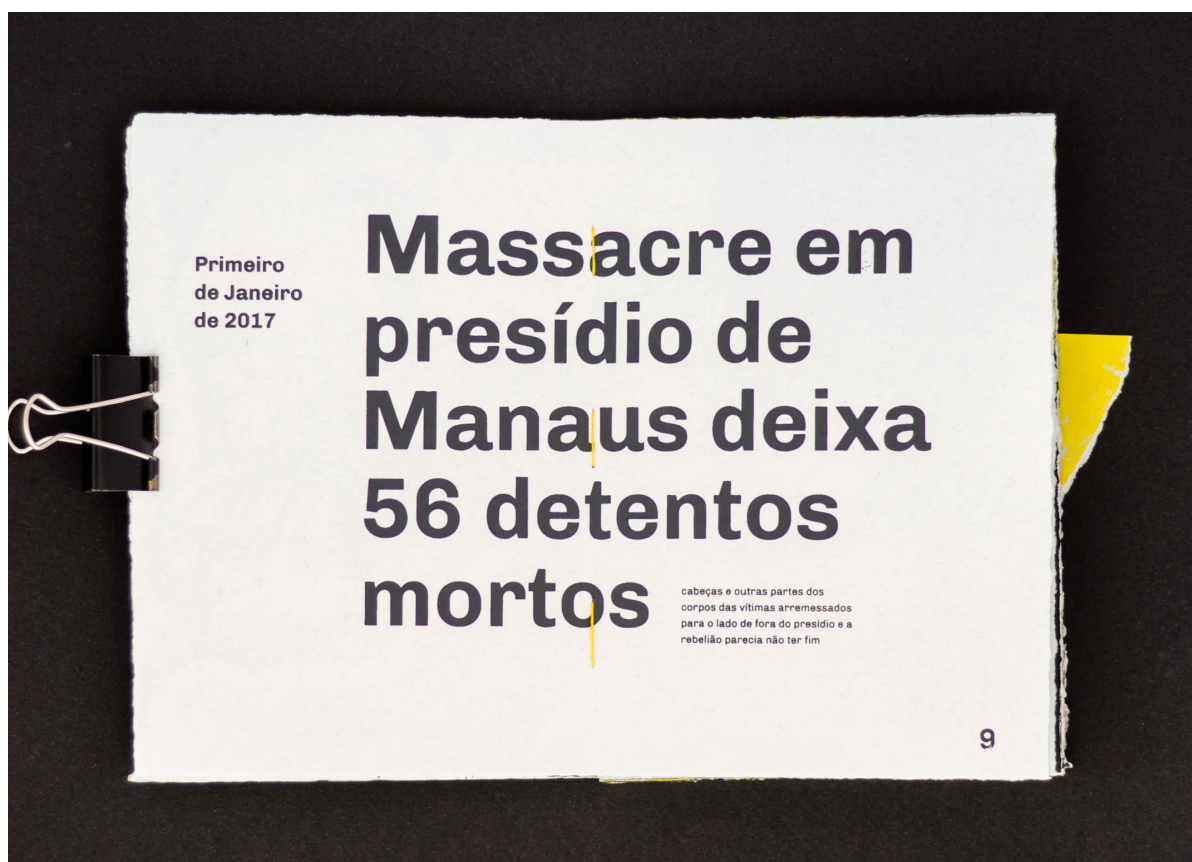
VIEIRA, Danielli. **Histórias sobre homicídios entre jovens**. Dilemas. Rio de Janeiro, 2011.

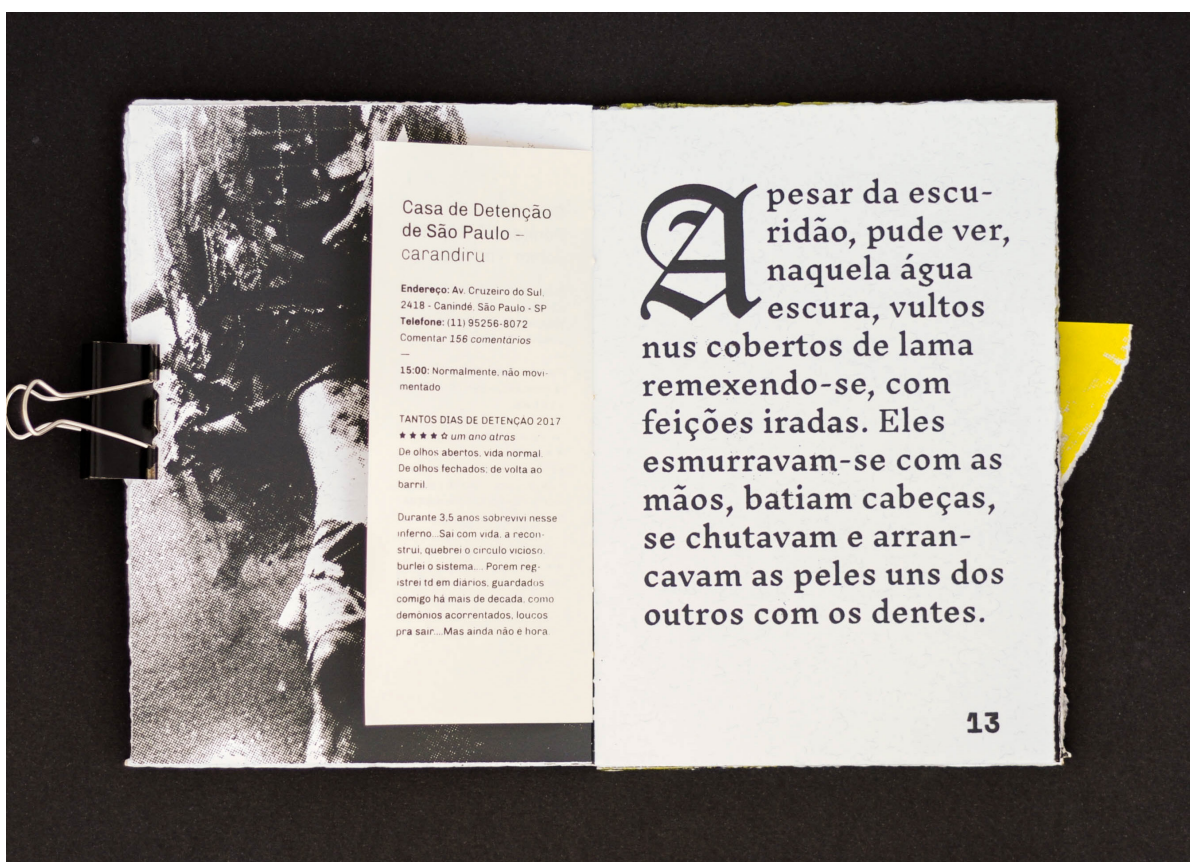
ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Boitempo. São Paulo, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Ubu Editora. São Paulo, 2018.









– Filho – disse o bom
mestre –, aqui tu vês
as almas dos vencidos
pela ira, e vou dizer-te
ainda, se me crês,
que embaixo d'água
há gente que suspira,
fazendo-a borbulhar.

Pesquisas relacionadas a massacre compaj

massacre de manaus **videos**

massacre manaus **cabuloso**

cenar do massacre em manaus

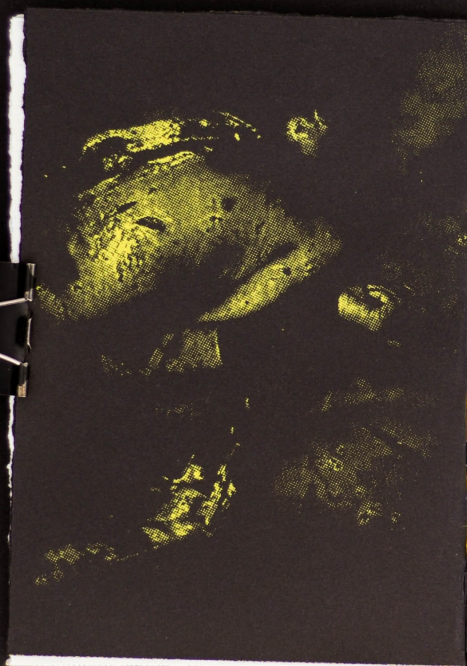
compaj **telefone**

massacre **fdn**

carandiru

massacre de manaus **fotos**

massacre **presidio**



(sic)

cheio de coração de pcc

caralho, vocês se
fuderam seus buceta,
primeiro de janeiro

quem manda aqui é nós

São aqueles vencidos
pelo rancor, a ira con-
tida e passiva, porém
igualmente destrutiva.
Eles gorgolam o lodo e
formam as bolhas que
pipocam sobre esta
lama fétida.

A Divina Comédia
Dante Alighieri



MEMBROS



MEMBROS

—
Se a mancha persistir, siga a primeira dica:
Você vai precisar de Sal (pode ser sal grosso também), sabão neutro líquido, recipiente da água fria.



Hoje vou falar com vocês sobre algo que pode mudar o seu futuro! Entretanto, antes de qualquer coisa, responda a essas perguntas: que tipo de vida você está vivendo? Uma vida abundante ou mediana?

Humanitas,
dizia ele, o
princípio das
coisas, não é
outro senão o mesmo
homem repartido por
todos os homens.

ESTATUTO DO PCC — 2001

- 01 Lealdade, respeito, e solidariedade acima de tudo ao Partido
- 02 A Luta pela liberdade, justiça e paz
- 03 A união da Luta contra as injustiças e a opressão dentro das prisões
- 04 A contribuição daqueles que estão em Liberdade com os irmãos dentro da prisão através de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate
- 05 O respeito e a solidariedade a todos os membros do Partido, para que não haja conflitos internos, porque aquele que causar conflito interno dentro do Partido, tentando dividir a irmandade será excluído e repudiado do Partido.



.../vídeo-festa-do-pcc-na-cadeia-tem-
cocaina-na-bandeja-no-lugar-do-bolo/

fases
: a estática,
toda a
expansiva,
s coisas; a
apareci-
homem; e
mais uma, a
absorção do
as coisas.

boa, nem muito ruim: ela é morna.
que isso não é um bom sinal, já que
is em uma zona de conforto que

Humanitas,
dizia ele, o
princípio das
coisas, não é
outro senão o mesmo
homem repartido por
todos os homens.

ESTATUTO DO PCC — 2001

- 01 Lealdade, respeito, e solidariedade acima de tudo ao Partido
- 02 A Luta pela liberdade, justiça e paz
- 03 A união da Luta contra as injustiças e a opressão dentro das prisões
- 04 A contribuição daqueles que estão em Liberdade com os irmãos dentro da prisão através de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate
- 05 O respeito e a solidariedade a todos os membros do Partido, para que não haja conflitos internos, porque aquele que causar conflito interno dentro do Partido, tentando dividir a irmandade será excluído e repudiado do Partido.

(sic)

é o 15! é o 15! é o 15!
é o 15! é o 15!

...
o bolo não deu tempo de
nos fazer agora

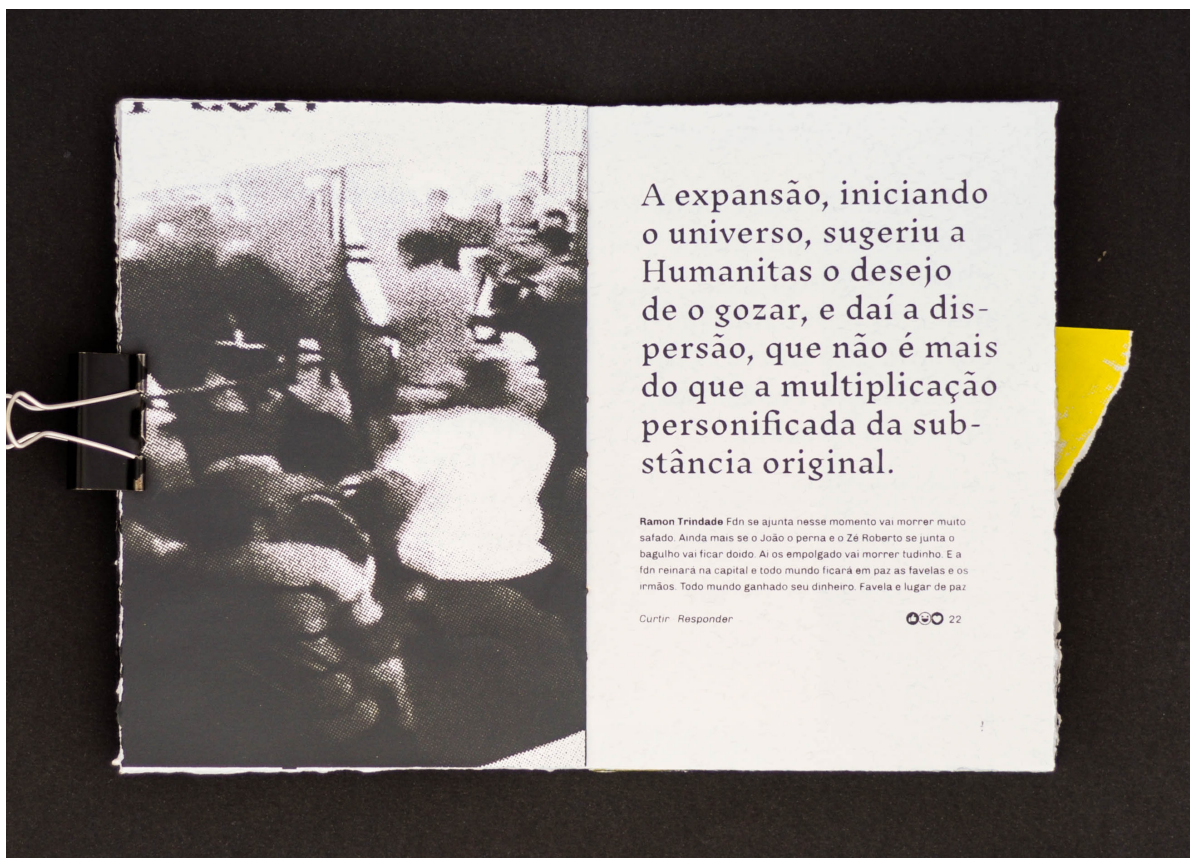
...
é gente, vai cheirando,
mano. Você vai bater na
bandeja, bicha.

...
o, nós vamos fazer duas
filas aqui, primeiro
nós vai botar a cacho-
ça, pouquinho, porque é
pouco

...
depois nós vamos dar o
baseado. Cada baseado
para três fumar. Vocês
faz seus grupinho aí

Conta três fases
Humanitas: a estática,
anterior a toda a
criação; a expansiva,
começo das coisas; a
dispersiva, apareci-
mento do homem; e
conterá mais uma, a
contrativa, absorção do
homem e das coisas.

A vida na média não é nem muito boa, nem muito ruim: ela é morna.
Se essa for a sua resposta, saiba que isso não é um bom sinal, já que
uma vida morna coloca as pessoas em uma zona de conforto que
aprisiona e limita.



A expansão, iniciando o universo, sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a dispersão, que não é mais do que a multiplicação personificada da substância original.

Ramon Trindade Fdn se junta nesse momento vai morrer muito safo. Ainda mais se o João o perna e o Zé Roberto se junta o bagulho vai ficar doido. Ai os empolgado vai morrer tudinho. E a fdn reinará na capital e todo mundo ficará em paz as favelas e os irmãos. Todo mundo ganhado seu dinheiro. Favela e lugar de paz.

Curtir Responder

22



— Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem.

Yurii Yakusa Ta assistindo muita tv kkkk
Vou te despertar o Ze ruela e o João branca de neve tão encurralado "comcuralado" e o perna virou CV.
Ninguém que ser mais oprimidos e extorquindo por ze ruela e a branca de neve não. Então acorda alice esse filme eu ja vir Fálida do norte

Curtir Responder

5

(sic)

o bagulho foi mais doido se batendo igual galinha foi troca de tiro, policia não peitou a bala comendo salto e o Rocam recuou Estava tudo dominado cadeia em nossas mãos e os presos tudo decapitula no quadro do cadeia

(...)

Papo reto, meu parceiro pode crê nos esta no pinue Dia primeiro de janeiro representamos o crime Aqui e sem palpite e tambem poucas palavras

(...)

e nois

NEREMOS, REC
IS NÃO FUSIM
PERRA-KN



— Para entender
o meu sistema,
cluiu ele, impondo
não esquecer nem
o princípio uni-
repartido e res-
em cada homem

Yurii Yakusa Ta assistindo muita tv kkkk

Vou te despertar o Ze ruela e o João branca de
encurralado/omcurralado" e o João virou CV.
Ninguém que ser mais oprimidos e extorquindo
a branca de neve não. Então acorde alice esse f
Fálida do norte.

Curtir - Responder

05) O CLIMA PIOROU QUANDO A
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
ATIVOU OS BLOQUEADORES DE
CELULAR, COMO PODEM PENSAR
EM QUERER QUE PRESOS DE UM
SISTEMA PENITENCIÁRIO PALE-
DO QUE NÃO TEM SEUS DIRE-
ITOS HUMANOS E DA LEI DE
EXECUÇÃO PENAL GARANTI-
DOS, EXISTIR QUE CUMPRAMOS A
LEI? O ESTADO NÃO É EXEMPLO
A SER SEGUIDO;

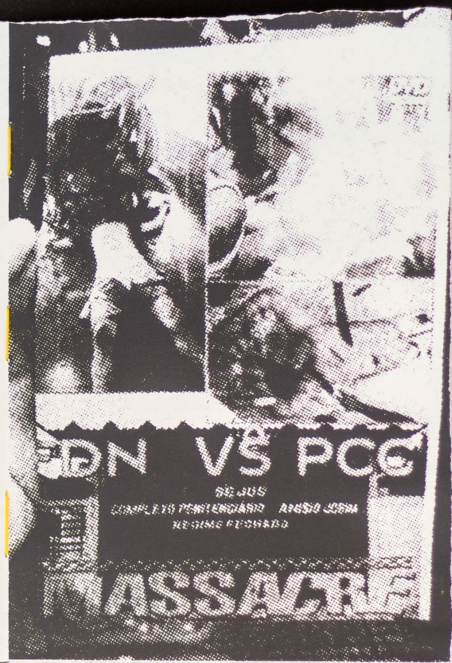


Olha: a guerra, que
parece uma calami-
dade, é uma operação
conveniente, como se
disséssemos o estalar
dos dedos de Human-
itas; a fome (e ele chu-
pava filosoficamente a
asa do frango), a fome
é uma prova a que
Humanitas submete a
própria víscera.

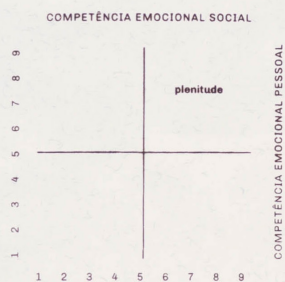
Estão sendo vendidos DVDs que mostram cenas do massacre no Compaj, o Complexo Penitenciário Anísio Jobim. Na penitenciária, cinquenta e seis presos foram assassinados logo no primeiro dia do ano. As imagens que fazem parte do DVD macabro foram gravadas pelos próprios presidiários.

760

curtir · comentar · compartilhar



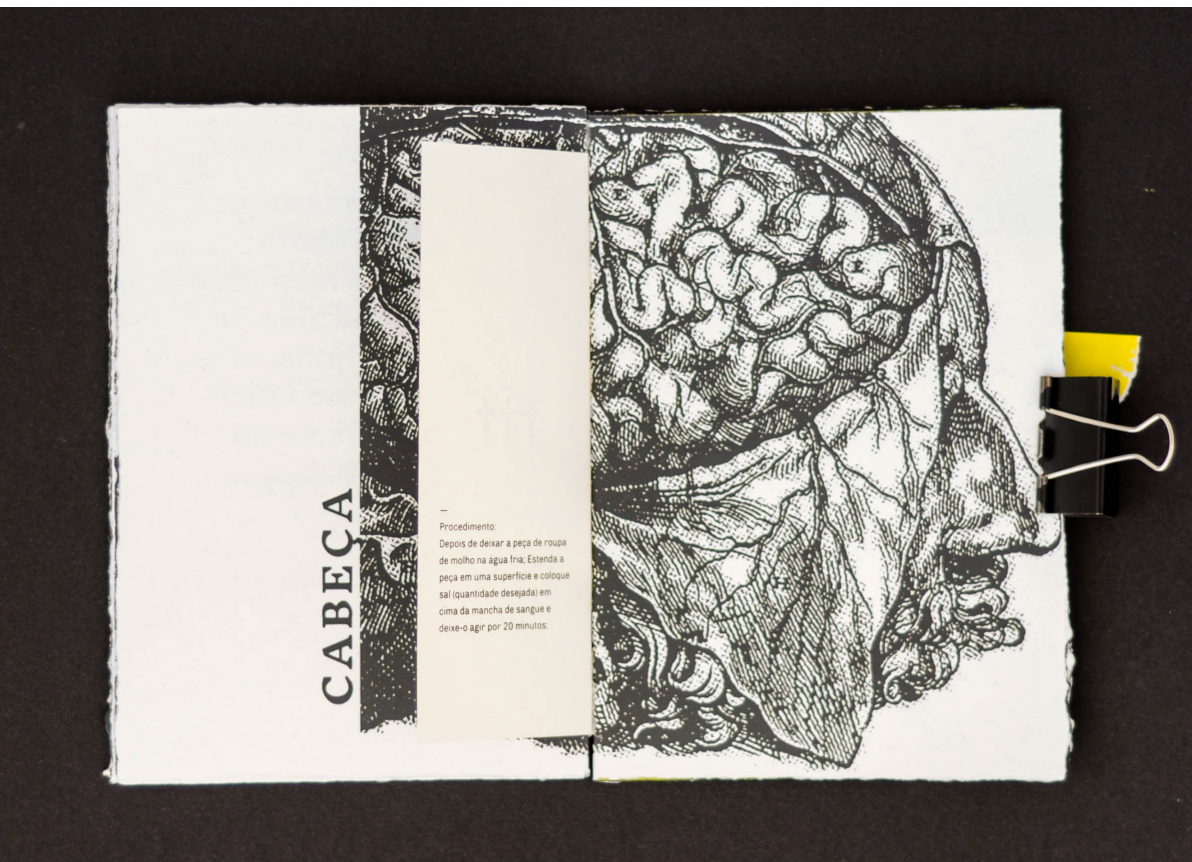
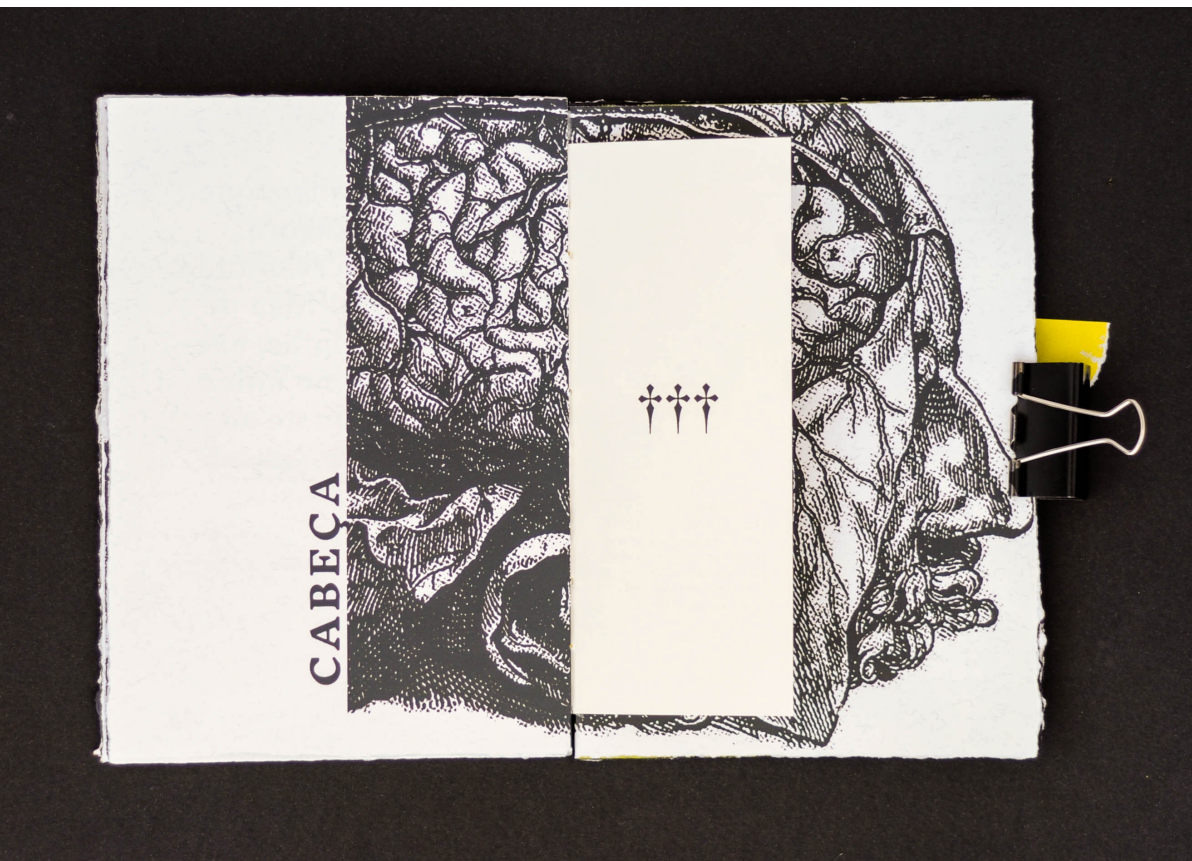
Imagine que você não fique satisfeito com algo medíocre e queira uma experiência abundante, maravilhosa e diferenciada, não é mesmo?



[...] este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados como único fim de dar mate ao meu apetite.

Memórias Póstumas
Machado de Assis

unidos, venceremos



Sobreviventes de massacre em Manaus foram torturados e tiveram de comer olhos humanos

Uma das vítimas "foi capturado e jogado de aproximadamente nove metros de altura, tendo desmaiado na queda, e quando acordou, foi espancado com golpes de perna-manca em seus testículos, furaram os seus pés, dentre outros tipos de lesão corporal".



(sic)

Quando algum ato de covardia, extermínio de vida extorsões que forem comprovadas, estiver ocorrendo na rua ou nas cadeias por parte dos nossos inimigos daremos uma resposta a altura do crime.

Se alguma vida for tirada com estes mecanismos pelos nossos inimigos, os integrantes do Comando que estiverem cadastrados na quebrada do ocorrido deverão se unir e dar o mesmo tratamento que eles merecem.

em terreno crítico,
saqueie os recursos
do inimigo; em ter-
reno difícil, marche
sem parar; em ter-
renos propícios a
emboscadas, elabore
planos de contingên-
cias e em terrenos
sem saída, lute.

vida se paga com vida e
sangue se paga com sangue.

Coloque suas tropas
em situações de vida
ou morte, em terrenos
sem saída, só assim
continuarão vivos.
Somente quando
em real perigo, os
homens aprendem a
transformar derrota
em vitória.

A Arte da Guerra
Sun Tzu

(sic)

não deixaremos no esque-
cimento essas vidas que se
foram porque somos uma se-
mente plantada no concreto



Coloque suas
em situações
ou morte, e
sem saída, s
continuarão
Somente qu
em real per
homens apr
transformar
em vitória.

—
Após esse período, no mesmo
recipiente da água fria, lave
a área manchada com sabão
neutro líquido. Esfregue bem
até a mancha desaparecer.

